
The Aztecs' *Huehuetlatolli*: “discourse” and education by tradition

Os *Huehuetlatolli* dos Astecas: o “verbo” e a educação pela tradição

Received: 2023-05-10 | Accepted: 2023-06-01 | Published: 2023-06-14

José Joaquim Pereira Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0743-8000>

Universidade Estadual de Maringá-UEM, Brasil

E-mail: pereirameloneto@hotmail.com

ABSTRACT

Current paper shows that the role of ‘ritual discourses’, cultivated within families and schools in the Spanish pre-conquest Aztec society, was the formation of warriors, clerics and Aztec power-ridden people according to the requirements of the period. The ancient discourses or *Huehuetlatolli*, one of the first educational models developed on the American continent, are analysed as an oral heritage of a far-gone past which should be preserved and transmitted to future generations as received. Imbued with social, political, cultural and educational issues, these oratory artifacts are important didactic and pedagogical manifestations which made their appearance in the works of the first European missionaries who adapted and employed them in the missionary process and in the chronicles and reports of the Conquest and Colonization periods. The *huehuetlatolli* are a witness of a society which had clearly in mind the type of person it wanted to form.

Keywords: *Huehuetlatolli*; Education; School; Speaking well;

RESUMO

A preocupação do artigo é mostrar que os “discursos rituais”, cultivados nas famílias e escolas da sociedade asteca pré-conquista espanhola, tinham a função de formar guerreiros, religiosos e responsáveis pela estrutura de poder asteca conforme as demandas de então. Os *huehuetlatolli*, a “antiga palavra”, um dos primeiros modelos educacionais desenvolvidos em terras americanas, são analisados como herança oral de um passado remoto que deveria ser preservado e repassado às gerações futuras, sempre conforme for a recebido. Contemplando diversas questões sócio-políticas, culturais e educacionais, essas peças oratórias são importantes manifestações didático-pedagógicas, cujo reconhecimento aparece tanto nos primeiros missionários europeus que as adaptaram e adotaram no processo evangelizador, como nas crônicas e relatos do período de Conquista e do processo colonizador. Enfim, considera-se que os *huehuetlatolli* são testemunho de uma sociedade que tinha claro o homem que queria formar.

Palavras-chaves: *Huehuetlatolli*; Educação; Escola; Bem falar;

INTRODUÇÃO

A cultura asteca¹ foi fundamentalmente oral. Essa característica, que constituiu o suporte de sua memória social, explica a preocupação com o “verbo”, ou seja, com a arte do bem falar, com o cuidado por cultivar e preservar as tradições orais recebidas dos antepassados. Na sociedade asteca, como em qualquer outra sociedade sem a escrita, a palavra assumiu um papel fundamental, tornando-se instrumento de “convivência pacífica e de poder” (RAMÍREZ VIDAL, 2021, p. 3).

Nesse universo dedicado ao “verbo”, os astecas organizaram suas “falas rituais” em duas categorias, de acordo com o gênero: a) o *cuicalt*, voltado aos cantos de guerra, às canções de amizade, de amor e morte, aos hinos dedicados aos deuses e aos poemas que associavam especulações “intelectuais” e “metafísicas”; b) o *tlaholli*, voltado para os relatos, as narrativas, as “palavras divinas” de origem cosmológica, o “culto”, os ritos, as fábulas. Entre estes, constam os *huehuetlatolli*, que, produzidos em linguagem cuidadosa, podem ter sido herdados dos antepassados de tempos imemoriais em razão de seu arcaísmo linguístico (TODOROV, 1991) e de serem regulamentados em suas formas e funções. A fala memorizada e, por extensão, sempre lembrada, consagra uma íntima relação entre palavra e poder.

Essas “peças literárias”, entendidas como “prosas didáticas”, continham instruções e ensinamentos que os pais davam aos filhos, ou, mais genericamente, os anciões aos jovens. Veiculavam práticas didáticas” ou exortativas para formar nessas crianças e jovens os princípios morais caros a esse povo. As antigas tradições e “doutrinas”, recebidas de um passado pretérito, eram objeto da preocupação dos pais na educação dos filhos, que deviam desenvolver uma boa conduta moral e cultivar fórmulas sociais que atendessem à ordem social (QUINTANA, 1976, p. 61-62).

Neste artigo, considerando o dilatado espectro da temática relacionada a essas falas rituais, concentramo-nos no apreço e no interesse da sociedade asteca pelos *huehuetlatolli*, como peças oratórias-didáticas veiculadas de geração a geração. Os conceitos e os valores contidos em seus conteúdos assumiam importância fundamental para a vida social do homem asteca, para o qual uma boa conduta era condição significativa para a existência dessa mesma sociedade (QUINTANA, 1976, p. 64).

¹ O correto seria usar *méxica*. Optou-se pelo uso comum – *asteca* – popularizado a partir do século XVIII, pelo historiador Francisco Xavier Clavijero (PEREIRA MELO, 2000, p. 44).

A importância atribuída à tradição oral entre os astecas fica evidente no critério de escolha de seus altos dignatários: os dotes oratórios dos candidatos. Os imperadores, desde os primeiros momentos de sua eleição, traziam a seu lado oradores hábeis e experientes para responder às arguições que se apresentassem.

A associação entre poder e oratória, muito marcada no México antigo, explica a denominação atribuída ao chefe da estrutura de poder. Na sociedade asteca, *tlatoni* significava “aquele que possui a palavra”, aquele que “possuía a tinta vermelha e a tinta negra”, quer dizer, o que sabia pintar e interpretar os manuscritos pictográficos.

Segundo informações de Diego Durán (1539 – 1588) em sua *História das Índias da Nova Espanha*, o próprio Montezuma² era um orador nato, cujo raciocínio profundo e cujas frases refinadas agradavam e seduziam seus ouvintes (DURÁN, 1967). Também Vasco de Quiroga (1470 – 1565), em sua crônica, relata que, mesmo alguns anos após a conquista por Fernando Cortés³, os espanhóis não podiam esconder a admiração que tinham pela eloquência dos dignatários nativos e pela maneira refinada e elegante com que se dirigiam aos espanhóis (QUIROGA, 1939), num indicativo do domínio e esmero que tinham da arte do bem falar, da oratória.

AS TRADIÇÕES ORAIS: O PAPEL DA FAMÍLIA E DO PODER CENTRAL NA EDUCAÇÃO ASTECA

Em razão da importância que os astecas atribuíam ao “bem falar” como condição para uma boa comunicação, o ensino dessa habilidade começava cedo na vida da criança, constituindo-se uma das obrigações familiares: uma das primeiras preocupações dos pais era cuidar para que os filhos se expressassem de modo apropriado, conveniente e elegante.

Na tarefa de educar os filhos na senda dos bons comportamentos e costumes e das práticas sociais ensejados pela sociedade, os pais podiam contar com a participação dos filhos mais velhos, bem como de tios ou de outros parentes, desde que mais velhos (MADEIRA, 2011, p. 51).

² Nono senhor do México, onde reinou quando da chegada dos espanhóis, em 1519, sucedendo a Ahuitzotl. Filho de Axayácatl, ampliou e consolidou o Império e destacou-se pelas seguintes iniciativas: acentuou a severidade da educação da juventude; admitia somente nobres nos cargos de governo; estabeleceu em sua corte uma etiqueta religiosa, considerada como serviço de um deus, e aumentou consideravelmente os sacrifícios humanos rituais.

³ Conquistador do Império asteca. Nasceu em Medelín, Espanha, em 1485. Aos dezenove anos (1504), chegou à América e, em 1518, assumiu o comando da expedição para reconhecer terras mexicanas. Chegou à capital asteca em 1519 e conquistou definitivamente o Império em 1521.

Segundo frei Bartolomeu de Las Casas, em *Apologética Historia*, era comum que os pais orientassem os filhos segundo preceitos antigos e mostrassem a importância de se expressar bem.

Sejas um bom filho e não interfiras onde não fores chamado, para que não sejas o objeto de comiseração e não sejas considerado mal visto [...] não fala muito e não interrompe os outros no meio da conversa para que não os perturbes e, se não falas diretamente para corrigir os anciãos, cuida muito o que falar. Se não é sua tarefa de falar ou se tu não estás obrigado a falar, fica em silencio; se deves falar, fala, mas sabiamente e não como um tolo ou como um que é presunçoso; tudo o que falares será levado em consideração (LAS CASAS, 1958, p. 301).

Tal orientação abrangia tanto os aspectos necessários à vida prática quanto as questões morais e maneiras de se comportar. Ou seja, transmitiam-se aos filhos as normas de vida para que seu caminho fosse reto e repleto de altas concepções éticas (BAÑULS, 2013, p. 271).

Embora a responsabilidade primeira fosse dos pais, a educação também ficava a cargo do poder central. Existiam dois centros para o ensino de meninos e jovens: *telpochalli* e *calmecac*.

O primeiro era destinado à formação para a guerra, caracterizando-se como uma escola bélica. Seu objetivo era dar ao público uma boa formação para o combate, considerada uma atividade vital. Destinava-se também à formação dos que, no futuro, seriam os chefes do exército, cuja emulação era buscada nos exemplos dos grandes guerreiros, quer do passado, quer do presente.

A organização programática dessas escolas, como o próprio nome indica, era pautada no cultivo dos valores guerreiros e tinha como finalidade, mais do que a valorização da força e das habilidades em ações em combate, a formação das virtudes que marcavam seu espírito e a dignidade com que deveriam exercer seu serviço (BAÑULS, 2013, p. 272). Essas escolas tinham um caráter popular, mas não estavam fechadas aos setores dominantes da sociedade. Em alguns casos, filhos de nobres e de grandes senhores as frequentavam, possivelmente em busca de formação e de práticas militares, que iam desde a forma de utilizar uma arma, até o preparo físico e as habilidades inerentes à guerra (MADEIRA, 2011, p. 143).

O segundo centro era voltado para a formação de homens para as cerimônias rituais, de juízes e de altos dignatários do Império. As escolas, anexas ao que os espanhóis identificaram como templos, eram destinadas aos filhos dos nobres e, com algumas exceções, a jovens de setores inferiorizados da sociedade (BAÑULS, 2013, p. 272). Ainda, em situações em que os mestres responsáveis pelos *telpochalli* identificavam jovens com potencial promissor, estes eram encaminhados para o *calmecac*, onde poderiam ser mais bem observados em suas potencialidades e controlados em suas tendências. Essa ação poderia mudar o rumo da história desses jovens, integrando-os econômica e ideologicamente à estrutura de poder e qualificando-os para fazer parte do aparato governamental do Império (MADEIRA, 2011, p. 143). Nesses espaços

destinados aos setores privilegiados da sociedade, a preocupação programática era o ensino moral e ético, segundo o qual o valor do homem não era proveniente da força e sim de uma vida virtuosa (BAÑULS, 2013, p. 72).

Bernardino de Sahagún, em sua *História Geral das Coisas da Nova Espanha*, afirma: “era um lugar para uma vida casta, um lugar de respeito, conhecimento, sabedoria, bondade, virtude e sociedade ilibada” (SAHAGÚN, 1988, p. 226).

Conforme relatos do mesmo Sahagún, além da formação física, moral e intelectual, constavam nesse programa formativo outros conteúdos significativos para a formação integral do jovem:

Foram ensinados a falar com requinte, ler e interpretar os hieroglíficos em relação aos cantos sagrados; aprenderam contar. Aprenderam observar as estrelas, a contagem dos anos e a interpretação do calendário. Foram instruídos no estudo dos costumes das plantas e dos animais e como eles influenciam o organismo humano (SAHAGÚN, 1988, p. 496).

A “retórica” destaca-se nesse lugar privilegiado, cuja preocupação era preparar os jovens astecas para se projetar na sociedade por meio do manejo adequado da linguagem, da “arte do bem falar. Tornando-se bons oradores e bons intérpretes, eles atenderiam, simultaneamente, ao bem falar e ao bem governar (TODOROV, 1991), de acordo com os interesses e as demandas da sociedade. Tanto é assim que todos os cargos da estrutura de poder eram preenchidos por aqueles que tinham como referencial a capacidade discursiva. Para a ascensão nesses espaços de poder, o critério era falar bem e adequadamente, assim como saber interpretar os discursos (BAÑULS, 2013, p. 273). Os alunos que não correspondessem às expectativas eram severamente punidos com espinhos de *maguey*⁴.

Observa-se que o desenvolvimento dessa instituição foi uma necessidade advinda com o desenvolvimento dos ritos religiosos e da organização política asteca (PEREIRA MELO, 2000, p. 51). Isso fez do *calmecac* uma escola superior (BELTRÁN, 1992) a cargo de anciões tidos como sábios, chamados pelos espanhóis de sacerdotes. A condição de “bom ancião”, identificado com o conhecimento, a experiência e a sabedoria, trazia consigo a forma, a honra e a distinção, bem como a responsabilidade para com a sociedade (MADEIRA, 2011, p. 51).

No espaço educacional do *calmecac*, o responsável pelo processo educacional recebia a denominação de *tlamantini*: o “sábio”, o “que sabe algo”, o “que conhece as coisas”.

⁴ Planta do gênero agave, da qual os astecas extraíam o pulque (bebida) e fibras. Designativo da pita (PEREIRA MELO, 2000, p. 46).

Estavam sob sua responsabilidade a preservação e a transmissão das tradições e dos testemunhos da “antiga palavra”, bem como dos códices, ou seja, de livros pictográficos e de caracteres que versavam sobre deuses, calendários, crônicas, cantos, poemas e os *huehuetlatolli* (LÉON-PORTILLA; GALEANA, 1993).

As responsabilidades dos *tlamantini* eram divididas com outros mestres: alguns velavam para que as peças oratórias consagradas pela tradição fossem reproduzidas com exatidão; a outros cabia a responsabilidade de examinar os cantos recém compostos. Dessa forma, a produção oral entre os astecas estava sujeita a censuras e obedecia a um jogo complexo e sutil de limitações (GRUZINSKI, 1993).

A ABRANGÊNCIA EDUCATIVA DOS *HUEHUETLATOLLI*

Importa destacar que, dentre os numerosos gêneros de “fala ritual”, o mais significativo foi o dos *huehuetlatolli*: elegantes e elaborados discursos, mais ou menos longos, aprendidos de cor, os quais deveriam ser preservados e repassados às gerações futuras, na forma como eram recebidos das gerações anteriores (TODOROV, 1991).

Esse modelo oratório, igual ao de qualquer outro povo desprovido de escrita, tinha como objetivo convencer os ouvintes, ensiná-los e induzi-los a observar determinados cânones de conduta. Para tanto, valiam-se “de certos recursos persuasivos que dariam mais coesão à linguagem Nahuatl” (ESPINOSA MALDONADO, 1997, p. 104). Além disso, era uma característica dessas composições a utilização de diversos procedimentos estilísticos que contribuía para o refinamento da linguagem.

Em termos de conteúdo, os *huehuetlatolli* não se limitavam a aspectos didáticos, mas abrangiam outras formas literárias, como orações aos deuses e falas e discursos destinadas aos imperadores que assumiam o Império, aos mercadores, às crianças que nasciam e às mães que concebiam. Nessa variedade oratória, tinham especial destaque as exortações, admoestações, soluções, súplicas e diversas práticas de consolo (BAÑULS, 2013, p. 271).

Os *huehuetlatolli* eram recitados ou cantados nas grandes festividades que reuniam os *pipiltin*⁵. Enquanto essa “fala ritual” era patrimônio dos nobres senhores, os hinos e cânticos de caráter ritual eram difundidos entre toda a população, particularmente nas escolas que lhes eram destinadas: *telpochcalli*. (GRUZINSKI, 1993)

⁵ Grandes senhores dos setores dominantes da sociedade asteca.

Segundo Miguel León-Portilla e Librado Galeana (1993), esse gênero de “fala ritual” – *huehuetlatolli* – pode ser agrupado conforme suas “espécies”, a exemplo do esquema abaixo:

1. Conjunto de composições relativas aos ritos de passagem: nascimento, puberdade, casamento e morte; ingresso em um centro educacional, primeira ação como guerreiro, enfermidade etc;
2. Conjunto de composições relativas ao governo e à ordem sociopolítica: discursos de governantes recém-eleitos; respostas; discursos para circunstâncias especiais, como guerra, peste; palavras diante do cadáver do soberano;
3. Conjunto de composições relativas a membros de determinadas profissões: mercadores, artesãos, médicos etc;
4. Conjunto de manifestações de cortesia: saudações entre nobres, embaixadores etc;
5. Conjunto de orações aos deuses em circunstâncias diversas: pedido de chuva a *Tláloc*; ritual de purificação, a *Tlazolteótl*; intervenção em casos de peste, a *Tezcatlipoca*; orações pelos pobres; orações em época de guerra; orações pelo soberano recém-eleito; oração em sua morte; perorações contra os maus governantes etc.

Importa enfatizar a função fundamental da palavra nos *huehuetlatolli*: materialização, na memória coletiva, do conjunto de leis, normas e valores que deveriam ser transmitidos de geração a geração, garantindo a identidade dessa sociedade sem escrita. Essa função explica a importância que lhes foi hipotecada pelo povo asteca.

Um dos traços fundamentais desses discursos é que, como eram legados do passado, não podiam ser alterados. Esse traço é inerente à própria palavra *huehuetlatolli*, que quer dizer “palavras antigas”. Para que esses discursos fossem conservados com as mesmas palavras de épocas imemoriais, faziam-se exercícios diários nas escolas destinadas aos filhos dos nobres, os quais seriam os sucessores dos autores dessas peças. O método utilizado para a memorização era a repetição contínua: assim, os meninos e os jovens podiam gravar esses discursos (TODOROV, 1991) conforme as exigências do processo pedagógico.

A aprendizagem era favorecida pela técnica de composição desses textos, que tinham um caráter repetitivo e cumulativo. Indubitavelmente, foram essas características que facilitaram a memorização e a conservação fiel, quer dos hinos, poemas ou textos que eram compostos no momento, quer dos que já existiam na tradição (LEON-PORTILLA, 1961). Assim, não se perdia ou se modificava uma só palavra, em uma total fidelidade.

No geral, a referência ao passado era essencial para a mentalidade asteca, principalmente ao longo do processo conquistador e alguns anos após sua efetivação. É o que mostram os protestos dos astecas, especialmente dos anciões, inconformados com a negação de seus deuses na ação evangelizadora dos espanhóis.

Bernal Diaz de Castillo (1492 – 1584), em a *Verdadeira História e os Sucessos da Conquista da Nova Espanha*, faz um relato do diálogo entre Cortés e Xicotécatl, o “Velho”, principal senhor de Tlaxcala, que se rebelava contra o furor evangelizador do conquistador espanhol contra a relação do povo asteca com suas divindades quando da conquista da cidade.

Como vós queres que deixássemos nossos teules, os quais desde tempos imemoriais nossos ancestrais têm reverenciado como deuses, cultuando-os e oferecendo-lhes sacrifícios? E como nós, já velhos, podemos fazer isso para vos agradar? O que dirão todos os nossos anciãos, os nossos jovens vizinhos e as crianças da nossa província? Levantar-se-ão contra nós. Especialmente agora que nossos anciãos têm conversado com nossos teules, e eles responderam que não devemos esquecer-lhes nos sacrefícios humanos e em tudo o que fizemos outora. Se fizemos isso, eles destruirão toda a província por fome, pragas e guerras[...] (DÍAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 69).

Reivindicando uma tradição ancestral, o velho ancião asteca, representante da estrutura de poder daquela sociedade, assumiu para si, diante do outro, antagônico a sua cultura, o papel de defensor dos valores herdados de um passado remoto, prezados pelos seus, e que garantiam a segurança e a estabilidade social, cultural e educacional que tinham recebido, dando sequência aos cânones ditados pela tradição. Informa o ancião ao seu interlocutor que o rompimento com tudo o que tinha sido construído socialmente punha em risco a manutenção da própria sociedade, desconhecida pelo outro, pelo invasor, que impunha valores culturais contrários ao seu entendimento.

A ADAPTAÇÃO DOS *HUEHUETLATOLLI* À ORATÓRIA CRISTÃ

A oposição dos astecas ao deus espanhol foi comum nos anos seguintes aos da conquista. Em algumas situações ocorreram enfrentamentos, autorizados pelas próprias autoridades constituídas, entre os especialistas em assuntos divinos e os padres cristãos. O objetivo dos sacerdotes astecas, ao provocar essa situação, era se contrapor aos argumentos teológicos dos padres e mostrar que seus deuses não eram inferiores ao deus dos espanhóis.

No passado e na antiguidade de suas crenças e de seus deuses, ou seja, em seus legados ancestrais, eles encontravam motivos suficientes para não renunciar à sua fé, opondo-se, com isso, a contribuir para a destruição de sua religião.

Contraposta aos *huehuetlatolli*, a exortação dos missionários cristãos era caracterizada como “palavras novas”, que não faziam parte do universo asteca, não tinham sido conhecidas por seus pais e, portanto, subverteriam a ordem pré-determinada pela tradição. Com tais argumentos,

os astecas negavam-se a renunciar à doutrina de seus antepassados, a antiga regra que sempre sustentara a vida em sociedade.

A argumentação não convencia os padres espanhóis, cujos discursos cristãos, improvisados, eram mais eficazes e levavam vantagem sobre os previsíveis *huehuetlatolli*.

O diálogo entre cristãos e nativos em terras americanas foi assimétrico: com palavras não apenas improvisadas, mas também crescentes, os evangelizadores progressivamente abafavam a fala dos sacerdotes astecas (TODOROV, 1991) que enfatizavam a importância da ligação com o passado.

Os religiosos espanhóis, quando identificaram que os *huehuetlatolli* eram poderosos instrumentos de transmissão de ideias entre os astecas, não tiveram dúvidas de usá-los em favor da causa evangelizadora. A partir de então, a “antiga palavra” passou a ser objeto do interesse e do apreço dos religiosos, que a utilizaram ou devidamente adaptada ou como “nova produção” cristianizada.

No primeiro caso, os missionários mudavam palavras e substituíam o nome dos deuses nativos pelos santos católicos; no segundo, apresentavam-nas como “novas produções” de caráter católico, mas seguindo o estilo da tradição pré-espanhola. Assim, transformavam uma manifestação asteca em peças cristãs.

Ou seja, a mais significativa “fala ritual” da cultura asteca converteu-se em um instrumento de cristianização daqueles mesmo que, como herança preciosa, tinham-na recebido, preservado e transmitido de geração a geração (LEÓN-PORTILLA; GALEANA, 1993), dando sequência às tradições legadas pelos antepassados e preservando a sociedade conforme estava organizada.

Vale considerar que a sociedade asteca em todas as suas manifestações, especialmente a educação, objeto deste artigo, é apresentada por algumas fontes históricas de forma idealizada e harmoniosa, na qual são desconsiderados os conflitos sociais próprios de qualquer sociedade.

De um lado, essa visão idealista e romântica é encontrada em fontes que foram produzidas por descendentes de antigos dignatários astecas, saudosos de um passado em que eram absolutos em suas terras e na sociedade, sem que garras europeias, ávidas em seu processo de exploração, destruíssem aquilo que lhes garantia identidade, poder e liberdade.

De outro lado, têm-se as fontes escritas por religiosos. A base destas fontes são os relatos falados de anciões que, não menos saudosos desse tempo pretérito, já perdido no tempo, mas presentes em suas memórias, procuravam reavivá-lo com as tintas fortes do romantismo, de forma a mostrar a importância que tiveram na sociedade ideal que tinham construído e que havia sido

negada e destruída pelos conquistadores espanhóis. As penas desses religiosos ouvintes registraram esses relatos de forma não menos idealizada, inclusive com opiniões, o que reforçou a ideia de que houvera uma sociedade harmoniosa construída e vivida pelos homens dessas terras antes da presença europeia em terras americanas.

Embora esses religiosos estivessem enquadrados na dinâmica da conquista e colaborassem com o processo conquistador e se valessem da docilização desses mesmos homens por meio da catequização, contraditoriamente, procuravam em suas escritas humanizar e até mesmo defender o nativo diante da dominação e da exploração brutal e cruel dos espanhóis. Respaldados nos relatos que registravam, eles procuram humanizar o homem americano pré-conquista, e, por extensão, mostrar a necessidade de o processo colonizador ser mais suavizado, menos brutal. Assim, esse homem conquistado e submetido poderia fazer uso de sua racionalidade e de sua capacidade para organizar uma sociedade complexa em todas as suas construções: social, política, econômica, religiosa e educacional. Essa argumentação dos missionários ia na contramão da ideia comum e aceita da animalidade e irracionalidade dos nativos, a qual justificava sua submissão, escravização e exploração por parte dos conquistadores e colonizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos, inicialmente que, independentemente de serem idealizados e romantizados ou não, tais relatos são peças fundamentais que podem ser consideradas como fontes para a historiografia e, no caso em apreço, para a historiografia da educação.

Os *huehuetlatolli*, particularmente, cumpriram seu papel conforme os fins para os quais foram produzidos nessa sociedade sem escrita: a tradição oral era um instrumento que garantia a preservação de sua memória social. Assim, assumiram a condição de inventário das “reflexões histórico-filosófico-teológico-morais” produzidas pelos astecas em épocas que antecederam, em muito, a presença europeia em terras americanas.

Além disso, destacamos que os *huehuetlatolli* também têm a propriedade de ser uma manifestação de caráter didático-pedagógico, já que sua função primeira era o ensino e a preservação dos legados culturais de um passado remoto para um determinado setor da sociedade asteca. Assim, podem se converter em peça importante para a historiografia da educação, não apenas no sentido de que dão a conhecer aspectos culturais e educacionais da América Índia, ainda pouco visitada pelos estudiosos brasileiros, mas, sobretudo, porque podem ser considerados na discussão entre educadores e estudiosos preocupados com o homem que se pretende formar.

Nessa linha de raciocínio, guardando as diferenças entre os momentos históricos e culturais, entre as perspectivas de mundo, de homem, de sociedade e de educação, os

huehuetlatolli, podem se constituir em exemplos ou modelos educacionais de uma sociedade com claros objetivos a respeito do homem que queria formar.

Enfim, consideramos que é possível pensar em uma educação que atenda aos interesses do homem americano e, por extensão, imprima em sua prática pedagógica a clareza devida ao processo educacional.

REFERÊNCIAS

BAÑULS, Mónica Ruiz. Los *Huehuetlatolli*: modelos discursivos destinados a la enseñanza retórica en la tradición indígena. **Castilla**. Estudios de literatura, Valladolid, n. 4, p. 270-281, 2013.

BÉLTRAN, Gonzales Aguirre. **Teoria y practica de la educación indígena**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. Verdadera historia de los sucesos de la Conquista de la Nueva España. In: **Historiadores primitivos de índias**. T. II, Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1947.

DURÁN, Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme**. México: Editorial Porrúa, 1967.

ESPINOSA MALDONADO, Carmen. *Huehuetlatolli* (Discursos de los antiguos nahuas). Libro sexto de Fray Bernardino de Sahagún. Morelia: Instituto Michoacano de Cultura, 1997.

GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

LAS CASAS, Bartolomé. Apologetica Historia. In: **Historiadores primitivos de índias**. T. IV, Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1958.

LÉON-PORTILLA, Miguel. **Los antiguos mexicanos através de suas crônicas y cantares**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

LÉON-PORTILLA, Miguel; GALEANA, Librado Silva. *Huehuehlahtolli*. Testimonios de la antiga palabra. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MADEIRA, Adriana Araujo. **A Educação Mexica: o papel das escolas oficiais no controle e organização da sociedade**. 2011. 159 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA MELO, José Joaquim. A educação no Império dos preferidos do sol. **Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 3, n. 6, set., p. 43-56, 2000.

QUINTANA, Josefina Garcia. El Huehuetlatolli – Antigua Palabra – Como fuente para la historia sociocultural de los nahuas. **Nahuatl Culture Studies**, Cidade do México, v. 12, 61-71, 1976.

QUIROGA, Vasco. **Documentos**. México: Polis, 1939.

RAMÍREZ VIDAL, Gerardo. La retórica en el mundo náhuatl. **Rétor**, Buenos Aires, v. 11, n. 2, p. 115-141, 2021.

SAHAGÚN, Bernardino. **Historia general de las cosas de Nueva España**. México: Editorial Alianza, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.